

KRISTIN HANNAH

A GRANDE SOLIDÃO

Tradução de
MARTA PINHO



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2019

CAPÍTULO 1

Naquela primavera, a chuva caía em grandes e furiosas bátegas que tamborilavam nos telhados. A água conseguia encontrar caminho através das mais pequenas fendas e infiltrar-se nos mais sólidos dos alicerces. Pedacos de terra, firmes durante gerações e gerações, caíam agora como montes de escória pelas estradas abaixo, levando casas, carros e piscinas com eles. As árvores tombavam para cima de linhas elétricas; a eletricidade falhava. Os rios galgavam as margens, inundavam terrenos, destruíam casas. Pessoas que se amavam perdiam a cabeça e irrompiam em discussões enquanto a água subia e a chuva continuava a cair.

Leni também se sentia nervosa. Era nova na escola, só mais um rosto na multidão; uma rapariga de cabelo comprido, de risco ao meio, que não tinha amigos e ia para a escola a pé, sozinha.

Agora estava sentada na cama, com as pernas magricelas fletidas e coladas ao peito liso, ao seu lado um exemplar de bolso de *Era Uma Vez em Watership Down*, aberto e com o canto de uma página dobrado. Através das paredes finas da casa térrea, ouviu a mãe dizer: *Ernt, amor, por favor, não faças isso. Ouve...* E o pai, furioso: *Deixa-me em paz*.

Estavam outra vez no mesmo. A discutir. Aos gritos. Em breve haveria choro.

O mau tempo despertava o lado sombrio do pai.

Leni olhou para o relógio ao lado da cama. Se não saísse já, chegaria atrasada à escola, e a única coisa pior do que ser a rapariga nova no liceu era chamar a atenção. Aprendera isso às suas custas; nos últimos quatro anos, frequentara cinco escolas. Nem uma vez encontrara

uma forma de se adaptar verdadeiramente, mas continuava, teimosa, a ter esperança. Respirou fundo, pousou os pés no chão e deslizou para fora da cama. Saiu pé ante pé do quarto despido, foi até ao *ball* e parou à porta da cozinha.

— Caramba, Cora — disse o pai. — Sabes como é difícil para mim.

A mãe deu um passo na direção do marido.

— Tu precisas de ajuda, amor. A culpa não é tua. Os pesadelos... Leni pigarreou para chamar a atenção dos pais.

— Olá — disse ela.

O pai viu-a e recuou um passo da mãe. Leni reparou que ele tinha um ar cansado, derrotado.

— Eu... tenho de ir para a escola — disse Leni.

A mãe levou a mão ao bolso do peito da farda cor-de-rosa de empregada de balcão e tirou os seus cigarros. Parecia cansada; na noite anterior fizera o turno da noite e naquele dia tinha o turno do almoço.

— Vai, vai, Leni. Não te atrases — disse a mãe, numa voz calma e macia, tão delicada como ela própria.

Leni tinha medo de ficar e tinha medo de sair. Era estranho — estúpido, até —, mas muitas vezes sentia-se a única adulta da família, como se fosse o lastro que mantinha o instável barco Allbright equilibrado. A mãe vivia embrenhada numa contínua demanda de se «encontrar» a si própria. Nos últimos anos, experimentara os seminários de Erhard Werner e o movimento do potencial humano, treino espiritual, unitarismo. Até o budismo. Passara por todas, apanhando pedaços aqui e ali. Acima de tudo, pensava Leni, trouxera *t-shirts* e aforismos. Coisas como *O que é, é, e o que não é, não é*. Nada parecia surtir qualquer efeito.

— Vai — disse o pai.

Leni agarrou na mochila que estava numa das cadeiras da mesa da cozinha e encaminhou-se para a porta da frente. Mal a fechou, ouviu-os recomeçarem.

Caramba, Cora...

Por favor, Ernt, ouve...

Nem sempre fora assim. Pelo menos, era o que a mãe dizia. Antes da guerra, eram felizes, quando viviam num parque de autocaravanas em

Kent, o pai tinha um bom emprego de mecânico e a mãe ria e dançava sempre ao som de «Piece of My Heart» enquanto preparava o jantar (a única coisa de que Leni se lembrava desses tempos era da mãe a dançar).

Depois, o pai foi mobilizado e partiu para o Vietname, onde foi baleado e capturado. Sem ele, a mãe desmoronou-se; foi então que Leni se apercebeu da sua fragilidade. Durante algum tempo andaram à deriva, ela e a mãe, de emprego em emprego, e de cidade em cidade, até finalmente assentarem numa comuna do Oregon. Lá, cuidavam de colmeias, faziam saquinhos de alfazema, para vender no mercado dos produtores, e protestavam contra a guerra. A mãe mudou a sua personalidade o suficiente para se encaixar.

Quando o pai voltou finalmente para casa, Leni quase não o reconhecia. O homem bonito e sorridente que tinha na memória tornara-se temperamental, enfurecia-se por tudo e por nada e estava distante. Aparentemente odiava tudo na comuna, por isso, a família mudou-se. E depois mudou-se outra vez. E outra vez. Nunca nada funcionava como ele queria.

Ele não conseguia dormir nem manter um emprego, embora a mãe jurasse que ele era o melhor mecânico do mundo.

Era sobre isso que discutiam naquela manhã: o pai fora novamente despedido.

Leni pôs o capuz na cabeça. A caminho da escola, passou por blocos de casas bem cuidadas, evitou um bosque escuro (era melhor ficar longe dali), passou pelo restaurante A&W, onde os miúdos do liceu se reuniam ao fim de semana, e por uma bomba de gasolina, onde uma fila de carros esperava para abastecer a cinquenta e cinco cêntimos o galão. Ultimamente, aquele era um tema que deixava toda a gente furiosa: os preços dos combustíveis.

Pelo que Leni via, os adultos andavam, em geral, nervosos, e não era de admirar. A guerra no Vietname dividira o país. Todos os dias os jornais alardeavam más notícias: bombardeamentos da Weatherman ou do IRA; aviões desviados; o rapto de Patty Hearst. O massacre dos Jogos Olímpicos de Munique chocara o mundo inteiro, tal como o escândalo de Watergate. E, mais recentemente, várias raparigas universitárias do estado de Washington haviam desaparecido sem deixar rasto. Era um mundo perigoso.

Leni daria qualquer coisa para ter um amigo verdadeiro. Era tudo o que queria: alguém com quem falar.

Por outro lado, falar sobre as suas preocupações não ajudava. De que servia confessar?

É verdade que o pai perdia por vezes a cabeça e gritava, que eles nunca tinham dinheiro suficiente, que mudavam de cidade constantemente para fugirem dos credores, mas era assim que funcionavam, e adoravam-se.

Só que, às vezes, sobretudo em dias como aquele, Leni sentia medo. Era como se a sua família estivesse à beira de um grande precipício que poderia ruir a qualquer momento, desmoronar-se como as casas que haviam desabado nas encostas instáveis e alagadas de Seattle.

Depois das aulas, Leni foi para casa a pé, sozinha, debaixo de chuva.

A sua casa ficava no meio de uma rua sem saída, num terreno menos cuidado do que os restantes: uma casa térrea castanho-escura com floreiras vazias, caleiras entupidas e uma porta de garagem que não fechava. Nas telhas cinzentas degradadas cresciam tufos de ervas daninhas. Um mastro sem bandeira apontava, acusador, para cima, uma afirmação do ódio do pai relativamente ao rumo que o país levava. Para um homem a quem a mãe chamava patriota, era incrível como ele odiava o governo.

Leni viu o pai na garagem, sentado numa bancada de trabalho inclinada, ao lado do *Mustang* amolgado da mãe, com fita adesiva no tejadilho. Caixas de cartão alinhavam-se nas paredes interiores, cheias de coisas que ainda não haviam desempacotado desde a última mudança.

O pai estava vestido — como sempre — com o seu blusão militar puído e umas *Levi's* rasgadas. Encontrava-se curvado, com os cotovelos apoiados nas coxas. O cabelo preto comprido era um emaranhado e o bigode precisava de ser aparado. Os pés sujos estavam descalços. Mesmo descuidado e cansado, era atraente como uma estrela de cinema. Toda a gente o dizia.

Ele virou a cabeça e espreitou para ela por entre os cabelos. O sorriso que lhe fez foi ligeiramente agastado, mas, ainda assim, iluminou-lhe

o rosto. O pai era assim: podia ser temperamental e facilmente irritável, um bocadinho assustador, às vezes, mas só porque sentia tão intensamente coisas como amor, perda e desilusão. Acima de tudo, amor.

— Lenora — disse ele, naquela sua voz arranhada de fumador. — Estava à tua espera. Desculpa. Perdi a cabeça. E o emprego. Deves estar altamente desiludida comigo.

— Não, pai.

Ela sabia que ele estava arrependido, via-o no rosto dele. Quando era mais nova, por vezes perguntava-se de que serviam todos aqueles arrependimentos se nunca nada mudava, mas a mãe explicara-lhe. A guerra e o cativoiro haviam quebrado algo nele. *É como se tivesse fraturado as costas*, dissera a mãe, e não deixamos de amar uma pessoa quando ela se magoa. *Ficamos mais fortes para que ela possa apoiar-se em nós. Ele precisa de mim. De nós.*

Leni sentou-se ao lado do pai. Ele pôs-lhe um braço sobre os ombros e puxou-a para si.

— O mundo está a ser governado por lunáticos. Esta já não é a minha América. Quero...

Não terminou, e Leni não disse nada. Já estava habituada à tristeza do pai, à sua frustração. Era frequente interromper frases a meio, como se tivesse medo de dar voz a pensamentos assustadores ou depressivos. Leni conhecia essa reticência e compreendia-a; muitas vezes era melhor ficar-se calado.

O pai levou a mão ao bolso e tirou um maço de cigarros amarrado. Acendeu um e ela inalou o aroma acre que lhe era familiar.

Sabia como ele estava a sofrer. Às vezes acordava com ele a chorar e a mãe a tentar confortá-lo, dizendo coisas como *Chiu, Ernt, já passou, estás em casa, seguro.*

O pai abanou a cabeça e expirou uma baforada de fumo cinzento-azulado.

— Quero... mais, acho eu. Não um emprego. Uma vida. Quero andar pela rua sem ter medo de que alguém me chame assassino de bebés. Quero... — Suspirou. Sorriu. — Não te preocupes. Vou ficar bem. Vou ficar bem.

— Hás de arranjar outro emprego, pai — disse ela.

— Claro que sim, Ruiva. Amanhã será um dia melhor.

Era o que os seus pais diziam sempre.

*

Numa manhã fria e cinzenta de meados de abril, Leni levantou-se cedo, ocupou o seu lugar no sofá florido e gasto da sala de estar e ligou a televisão no programa *Today*. Ajustou a antena interior para obter uma imagem decente. Quando ficou focada, Barbara Walters estava a dizer: «Patricia Hearst, que agora se diz chamar Tania, vista aqui nesta fotografia com uma carabina *M1* na mão no recente assalto a um banco de São Francisco. Testemunhas oculares dizem que a herdeira de dezanove anos, raptada pelo Exército Simbionês de Libertação em fevereiro...»

Leni estava abismada. Ainda não acreditava que um exército fosse capaz de levar uma adolescente de sua casa. Como poderia alguém julgar-se seguro num mundo como aquele? E como é que uma adolescente rica se transformara numa revolucionária chamada Tania?

— Anda, Leni — disse a mãe da cozinha. — Arranja-te para ires para as aulas.

A porta da frente abriu-se de rompante.

O pai entrou em casa, com um sorriso ao qual era impossível não responder da mesma forma. Parecia engrandecido, imponente, na cozinha de teto baixo, vibrante em contraste com as paredes cinzentas manchadas pela água. Tinha o cabelo a pingar.

A mãe estava junto ao fogão, a fritar *bacon* para o pequeno-almoço.

O pai irrompeu pela cozinha e ligou o rádio transístor que estava no balcão de fórmica. Ouviu-se uma canção *rock'n'roll* arranhada. O pai soltou uma gargalhada e puxou a mãe para os seus braços.

Leni ouviu-o sussurrar:

— Desculpa. Perdoa-me.

— Sempre — disse a mãe, agarrando-se a ele como se receasse que ele a afastasse.

O pai deixou ficar o braço à volta da cintura da mãe e sentou-a na mesa da cozinha. Puxou uma cadeira e disse:

— Leni, vem cá!

Leni adorava quando a incluíam. Deixou o seu lugar no sofá e sentou-se ao lado da mãe. O pai sorriu-lhe e estendeu-lhe um livro de bolso. *O Apelo da Selva*.

— Vais adorar, Ruiva.

Sentou-se em frente à mãe e abeirou-se da mesa. Tinha no rosto o que Leni chamava o seu sorriso de Ideia Brilhante. Já o vira antes, sempre que ele tinha um plano para mudar a vida deles. E ele tivera muitos planos: vender tudo e passar um ano a percorrer a autoestrada de Big Sur de carro, acampando pelo caminho. Fazer criação de visons (que horror que fora). Vender pacotes de sementes *American Seed* na Califórnia Central.

O pai levou a mão ao bolso, tirou uma folha de papel dobrada e atirou-a, triunfante, para cima de mesa.

— Lembram-se do meu amigo Bo Harlan?

A mãe demorou um segundo a responder.

— Do Vietname?

O pai anuiu e disse a Leni:

— O Bo Harlan era o chefe de equipa e eu era o atirador. Olhá-vamos um pelo outro. Estávamos juntos quando o nosso helicóptero caiu e fomos capturados. Passámos o inferno juntos.

Leni reparou que ele estava a tremer. Tinha as mangas da camisa enroladas, por isso, ela via as cicatrizes de queimaduras que lhe iam do pulso até ao cotovelo em estrias de pele franzida e desfigurada que nunca se bronzeava. Leni não sabia o que provocara aquelas cicatrizes — ele nunca dissera e ela nunca perguntara —, mas haviam sido feitas pelos seus captores. Isso ela percebera. As cicatrizes também lhe cobriam as costas, puxavam a pele em remoinhos e pregas.

— Obrigaram-me a vê-lo morrer — disse ele.

Leni olhou para a mãe, apreensiva. O pai nunca dissera aquilo e ouvir aquelas palavras deixou-as nervosas.

Ele bateu com o pé no chão e tamborilou com os dedos na mesa a um ritmo frenético. Desdobrou a carta, alisou-a e virou-a, para que elas pudessem lê-la.

Sargento Allbright,

É um homem difícil de encontrar. Chamo-me Earl Harlan.

O meu filho Bo escreveu-nos muitas cartas onde falava da vossa amizade. Agradeço-lhe por isso.

Na sua última carta, disse-me que se alguma coisa lhe acontecesse naquele lugar do inferno, queria que o sargento ficasse com a terra dele aqui no Alasca.

Não é muito grande. Dezasseis hectares com uma cabana que precisa de obras. Mas aqui um homem trabalhador pode viver da terra, longe da loucura, dos hippies e da confusão dos Lower 48.

Eu não tenho telefone, mas pode escrever-me para os correios de Homer.

Mais tarde ou mais cedo receberei a carta.

A terra fica no fim da estrada, depois do portão prateado com uma caveira de vaca e mesmo antes da árvore queimada, junto ao marco da estrada 13.

Obrigado mais uma vez, Earl

A mãe levantou os olhos. Inclinou a cabeça, como faria um pássaro, fitando o pai.

— Este homem... Bo, deu-nos uma casa? Uma casa?

— Imagina — disse o pai, levantando-se entusiasmado. — Uma casa nossa. Propriedade nossa. Num lugar onde podemos ser autossuficientes, cultivar legumes, caçar para comer e ser livres. Há anos que sonho com isto, Cora. Ter uma vida mais simples longe de todas as porcarias daqui. Podíamos ser livres. Pensa nisso.

— Esperem — interrompeu Leni. Mesmo para o pai, era uma grande mudança. — Alasca? Querem mudar-se outra vez? Acabámos de chegar aqui.

A mãe franziu o sobrolho.

— Mas... Lá não há nada, pois não? Só ursos e esquimós...

Ele puxou a mãe e pô-la de pé com uma ânsia que a fez cambalear para cima dele. Leni viu o desespero do entusiasmo dele.

— Eu preciso disto, Cora. Preciso de um lugar onde possa voltar a respirar. Às vezes parece que vou sair da minha pele. Lá, os *flashbacks* vão parar. Eu sei que sim. Nós precisamos disto. A nossa vida pode voltar a ser o que era antes de o Vietname dar cabo de mim.

A mãe olhou para o pai, a sua palidez a contrastar com o cabelo escuro e a pele bronzeada.

— Vá lá, amor — exortou o pai. — Imagina...

Leni viu a mãe ceder, a readaptar as suas necessidades às dele, imaginando uma nova personalidade: alascuiana. Talvez pensasse que era como os seminários de Erhard Werner, o ioga ou o budismo. A resposta. Onde, quando ou o quê não importava para ela. Só ele lhe importava.

— Uma casa nossa — disse ela. — Mas... dinheiro... podes candidatar-te à invalidez militar...

— Outra vez essa conversa, não — replicou ele com um suspiro. — Não vou fazer isso. Só preciso de mudar. E a partir de agora vou ter mais cuidado com o dinheiro, Cora. Juro. Ainda tenho um bocadinho da herança do meu pai. E vou deixar de beber. Vou ao grupo de apoio a veteranos, como tu querias.

Leni já vira tudo aquilo antes. No fim, não importava o que ela ou a mãe queriam.

O pai queria um novo começo. Precisava disso. E a mãe precisava que ele fosse feliz.

Por isso, voltariam a tentar noutra lugar, na esperança de que a geografia fosse a solução. Iriam para o Alasca em busca daquele novo sonho. Leni faria o que lhe diriam, e de bom grado. Seria a rapariga nova na escola, *mais uma vez*. Porque o amor era assim.